

CHRONICA
SOBRE PENHORES

A QUESTÃO dos nossos crédores externos, levanta da no Parlamento francez por um deputado de nome Guérin, que nos tratou de gatunos para baixo nos mais polidos termos, acabando por pedir ao seu governo que obrigasse Portugal a aceitar uma fiscalisação estrangeira, ainda que para isso tivesse de empregar a força armada — é a questão do momento, embora a maior parte dos nossos compatriotas não façam d'ella um grande caso... Calmon.

Na opinião de Maître Guérin, Portugal collocou-se, neste assumpto, fóra de todas as regras internacionaes. Todos os outros paizes de finanças avariadas — o Egypto, a Turquia, a Grecia, a Republica Argentina — todos esses aceitaram que a sua fazenda ficasse sujeita á fiscalisação estrangeiras. Portugal, porém, saiu-se do apuro como devedor de má-fé. Isto se disse assim mesmo, nestes mesmos termos, em pleno Parlamento francez.

E' uma flagrante injustiça, que os francezes nos fazem.

Em primeiro logar, convém recordar que se nós nos vemos hoje a braços com todas as difficuldades e vexames de uma divida externa, aos estrangeiros o devemos — como muito bem dizia ha dias, nos corredores da Camara, o illustre deputado Snr. Santa Rita.

De cada vez que nos era necessario realisar um melhoramento publico ou empregar alguns milhões numa intenção particular, logo encontravámos no Estrangeiro todas as facilidades possiveis e imaginaveis para obter dinheiro. Estipulava-se um pequeno juro, trocava-se um aperto de mãos... com luvas, emittia-se uma porção de titulos, estava o emprestimo feito.

Foi assim que Lisboa se embelle-

sou com as obras do seu porto.

Foi assim que lançámos a réde dos nossos caminhos de ferro.

Foi assim que organisámos as nossas grandes companhias de Africa.

Tinhamos quanto dinheiro queriamos. Nadavamos em ouro. E assigna lou-se então para Portugal um memoravel momento, em que não houve por cá parente pobre.

Pouco a pouco, porém, e sem que dessemos por isso, os governos iam sacrificando a cada novo emprestimo algum bem nacional.

A exploração do porto de Lisboa passou a mãos de estrangeiros.

A administração dos caminhos de ferro passou a mãos de estrangeiros.

O destino das companhias d' Africa passou a mãos de estrangeiros.

Uma bella manhã, sendo necessario pagar um coupon, não havia dinheiro que chegasse nos cofres do Thesouro. Mas deu-se-lhe uma volta, esticou-se a corda, e lá se conseguiu pagar um terço. D'ahi por diante, de cada vez que era necessario pagar outro coupon, inventava-se um meio de fazer dinheiro, á pressa.

Fez-se dinheiro de toda a prata da casa.

Fez-se dinheiro de cobre.

Fez-se dinheiro de nikel.

Fez-se dinheiro de papel.

Todos fizeram dinheiro: a Casa da Moeda, o Banco de Portugal, o Banco Ultramarino e o Mineiro.

Mas nem assim houve meio de atender ás necessidades do coupon. Entrou-se então, abertamente, no regimen dos expedientes e dos elixires.

Foram chamados aos Conselhos da Corôa todos os homens habeis que se promptificaram a arranjar dinheiro para os crédores externos. Para cada novo coupon era nomeado um novo ministro da Fazenda. Foi assim que até tocou a vez de ser ministro ao Sr. Augusto Fuschini e ao Snr. Affonso Espregueira.

Experimentou-se tudo, expremeu-se tudo, empenhou-se tudo.

Chegou-se, finalmente, ao ponto desesperado em que se recorre ao prégo.

E, para pagar o coupon da Divida externa, nós pozémos no prégo todos os pergaminhos, todas as panoplias, todas as tradições. Mas não foi bastante ainda. E pozémos o relógio. E pozémos o casaco, o colete, as calças, o chapéo, as meias e a camisa.

Ficámos em ceroulas.

Monsieur Guérin quer obrigar-nos a despir as ceroulas. Monsieur Delcassé responde a Monsieur Guérin que para isso a França empregará, se tanto fôr preciso, a força armada.

Pois seja! Mas só assim.

Porque a ceroula é o decoro dos povos!



HISTORIAS ALEGRES

PARA AMBOS OS SEXOS



A RODA de uma mesa do Martinho, tres rapazes alegres esperam que acabe de chover, e entretem o tempo contando historias. Cada um conta a sua, e cada qual mais bréjeira. E tão bréjeiras todas ellas, que apenas uma pôde ser contada deante de senhoras — que não estejam sós.

— Não me falem vocês, disse Anatolio, de situações difíceis com mulheres, que a mais difficil de todas conheci eu. Ha dois annos, no Minho, onde passei o verão, fui visitar o Visconde de Campanhã, que vocês conhecem...

— Campanhã, conhecemos. O Visconde não!

— Pois façam de conta que o conhecem. Quem eu não conhecia era a Viscondessa. Quando lá cheguei, e bati, ninguém me respondeu. Estava a porta do terraço aberta, entrei. Já dentro de casa, bati as palmas, e nada! Vi outra porta aberta, foi entrando sempre. Nem viv'alma. Eram duas horas da tarde fazia um calor de rachar. Evidentemente, tinham aberto todas as portas para que entrasse... o fresco!

Ao fim d'um corredor, ainda outra porta aberta, e um reposteiro de veludo carmesim, corrido. Levanto o reposteiro, espredito...

— E o que viste?

— Por um signal muito particular, que um amigo, tambem muito particular, do Visconde, me tinha dado, reconheci a Viscondessa, no momento extremamente critico em que ella mudava de camisa! Imaginem vocês a minha confusão...

— E o que disseste tu?

— Ora, o que disse eu! Naturalmente, muito embaraçado, perguntei: 'E' bem a Senhora Viscondessa que tenho a honra de falar?...'



UMA das ultimas exposições de quadros do nosso Gr. nio Artístico, figuraram brilhantemente na pintura a oleo e na aguarella um illustre funcionario superior do Ministerio das Obras Publicas e sua elegante esposa.

O quadro do illustre funcionario, que no catalogo figurou modestamente com as suas duas iniciaes — *I. P.* — foi muito apreciado e muito discutido. Todos quantos visitaram essa exposição se recordam d'elle. Intitulava-se *O Banho*, e era uma audaciosa tentativa de pintura do nú, por um amator... de toiradas.

Ora, esse quadro envolvia um mysterio: o modelo da banhista, que voltava para o espectador um formosissimo e abundante dorso, pousando o pé direito sobre uma cadeira e enxugando a perna a um lençol felpudo — esse modelo fôra a propria esposa do illustre funcionario.

Quanto ás tres ou quatro aguarellas da virtuosa senhora, se duas ou tres d'ellas não tinham despertado um grande interesse, uma havia, porém, que attraia as atenções e merecera applausos. Era — *Uma noite de Julho*, d'um profundo azul, em que as estrellas brilhavam como alfinetes d'oiro, e a lua se arredondava em opulencias de luz.

Na collocação dos quadros houve, porém, uma trôca diabolica de numeros, de modo que o n.º 34, que no Catalogo indicava *Uma noite de Julho*, foi applicado ao *Banho*, que no mesmo Catalogo apparecia com numero muito diverso.

Não ha mysterios possiveis em Lisboa, e logo se soube quem servira de modelo para a banhista nua, que tanto dava nas vistas: —

Marido exemplar, *I. P.* procurava desviar as atenções, que convergiam naturalmente sobre o seu bello quadro, para as aguarellas de sua esposa. E como não tivesse dado pela trôca comprometedora dos numeros, dizia aos seus amigos e mais pessoas das suas relações: —

— Já viram a lua de minha mulher? E' o n.º 34, lá dentro, ao fundo...



A proposito das CARTAS DA HOLLANDA

O NARIZ DE ALFREDO MESQUITA

Opinião do Sr. Julio Dantas, em artigo recente, acerca d'este nariz:

«... Estranho nariz socratico, de cartilagens caprichosissimas, de narinas moveis e sensalonas, talvez o mais subtil e o mais espirital de todos os narizes que eu conheço, nariz complicado, nariz de satyro, nariz de ironista, nariz de *vid'atrada* — nariz d'onde irradiam um tão scintillante espirito e uma sympathia tão grande, que já não é nariz — é uma carta de empenho!

«... Interessante nariz symbolico, movediço, d'uma complicada architectura de cartilagens, dilatando-se, mettendo-se, cheirando, agitando-se, oheio de espirito, ás caradas, de talento, ás mãos cheias, um nariz que é uma psychologia, um nariz que é uma obra, e a que se pôde dizer, como aquelle personagem de Richepin, nos Truands:

— *Ton ne va devant! Suis ton nez!*

Se isto não é um reclamo do Doutor Julio que, segundo nos consta, se vae dedicar a especialista de narizes, é um elogio d'uma cana a um nariz d'uma cana... de nariz.



BIBLIOGRAPHIA

Em dívida ha muito tempo com alguns auctores que gentilmente lhe tem offerecido os seus livros, *A Parodia* começa hoje o registo de entrada d'essas obras, expressando o seu agradecimento pelas delicadas offer-tas e carinhosas dedicatorias.

Do nosso querido Lopes de Mendonça recebemos ha tempos um lindo volume no qual o auctor incluiu aquellas peças do seu Theatro que denominou pittoresco — *Salto Mortal* e *Amor Louco*.

Consagradas ha muito pelo unanime applauso do publico, as duas peças de Lopes de Mendonça não carecem do elogio que aqui lhes podiamos fazer, merecido.

Limitamo-nos, por isso, a reiterar o nosso agradecimento ao auctor e a recomendar o livro, de uma edição esmeradissima, a todos os que ainda não tenham folheado as deliciosas paginas de versos do *Salto Mortal* e as paginas de soberba prosa do *Amor Louco*.



POR AQUI, POR ALI E POR ACOLI

Decididamente o Sr. Conde de Restello é o homem do dia.

Uma d'estas noites referiu um cavalheiro das nossas relações a um dos mais conceituados membros da colonia franceza em Lisboa, que o Sr. Conde de Restello, apezar da sua farronca exhibida na celebre sessão municipal em que se decidiu pedirem todos os illustres proceres a demissão, ficava.

O que fez exclamar ao illustre estrangeiro: — Mais ce n'est pas le comte de Restello; c'est le comte de restez-là.



Um conhecido bohemio entra numa tasca d'iscas do Largo de S. Domingos e pede uma isca e meio pão, que se pôe a tasquinar com voracidade de lobo.



O creado, reparando que o freguez come a secco:

— Não vae nada para acompanhar?

— Olhe, traga-me a banda de Infanteria 16.



Cumulo:

Ser atravessado por um estoque d'agua.





Um rapto por amor... de Deus

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO



REVISTAS DO SEculo XIX



COMPANHANDO o jornalismo moderno em todos os seus progressos moraes e materiaes, como se tem visto, *A Parodia* resolveu, á semelhança do *Diario de Noticias*, publicar umas revistas do seculo findo,

para o que convidou pessoas da maior competencia, que bizarra e pressurosamente adheriram ao nosso convite.

Hoje, quarta-feira, tem revista o nosso excellento amigo Antonio Batalha Reis, cuja competencia no assumpto de que trata o seu trabalho, que adiante inserimos—vinhos e outras bebidas—é sobejamente conhecida como o azeite e o vinagre.

1

A evoluçao dos vinhos e outros gorpitis no seculo XIX



GRANDE, complexo, é o assumpto de que vou tratar á luz da critica imparcial e serena, e sinto ter que o fazer em circumstancias tão apertadas, quero dizer, em columnas tão estreitas e com umas bottas que me magoam os pés. Mas os grandes acontecimentos chamam mais alto que os passageiros incommodos physicos, chamando pelo historiador que não pode, nem deve, demorar-se a registar os factos, condimentando-os com a sua critica eclectica.

Por isso me apresso a corresponder ao amabilissimo convite dos meus amigos d'*A Parodia*, enviando-lhes um artigo feito á pressa, um artigo ainda na mãe, fermentado de idéas e clarificado, como quem diz ao alcance de todas as intelligencias, um artigo que rivalisa com o melhor Bucellas—proprio para peixe, delicioso quando tomado com bolachas e queijo.

O seculo XIX teve quem o cantasse em todos os tons a respeito de tudo: de sciencias, de artes, de industrias, de letras, de trêtas. Mas não houve um escriptor que o encarasse sob o ponto de vista viti-vinicola.

E' verdade que o assumpto não é para todos. Não se fala ou escreve do vinho como se bebe o mesmo liquido elemento. Sim, pôde-se ser um optimo official de copo e um pessimo artista da palavra, um assombroso chumbador e um deploravel publicista. Este é que é o caso, Calmon!

Tarefa gloriosa, estava naturalmente reservada para mim, que sou um predestinado de Gloria, a ponto de morar na sua Travessa, mesmo ao pé do elevador. Numero 73, uma casa ás ordens religiosas de Vossas excellencias.

No principio do seculo XIX ainda o vinho não era conhecido. Este ponto não offerece controversia, embora varios especialistas tenham suado as estopinhas estopando-se mutuamente com ella.

E tanto assim, que em 1803, um dos homens mais notaveis do tempo, Alberto Pimentel, interrogava solemnemente numa das suas mais somnolentas obras:

Que sublime licor estará dentro da uva?

Esta ignorancia por parte de um homem que bebia tudo, a ponto de até beber da agua de bacalhau, em que se ficou, prova de uma maneira cabal que nos primeiros annos do seculo não entrou pinga de vinho nos estomagos dos nossos antepassados. Era uma coisa totalmente desconhecida.

Foi em 1807 que Pedro Ignacio Franco, chimico de Belem, conhecido geralmente por *D. Xarope de Beneficencia bem entendida*, revolucionou o mundo com a famosa descoberta. Com effeito, esse homem illustre respondeu com um factio da mais alta importancia á pergunta do erudito escriptor a que acima me refiro: descobriu dentro da uva o Vinho Nutritivo de Carne.

Estava dado o primeiro passo de boi para o aperfeicoamento das varias castas de camoéca que entre nós se cultivam com enthusiasmo nunca enfraquecido, pois que è de vez em quando intelligentemente fortalecido com agua ardente no acto do trasfego, e tão generalizadas estão essas castas nas tascas, que ninguem pode hoje dizer: d'este vinho não beberei.

Bebeu-se então extraordinariamente. Era uma loucura. O vaso geralmente usado para as libações era o tacho de cosinha *D'ahi* a origem do vocabulo *tachada*, tão vulgarizado na peninsula.

Tambem a este respeito não ha duvida. Nas *Memorias* de uma dama illustre, escriptas nessa época, lemos a seguinte passagem: «Por tua intenção, querido marido, tomei hoje uma *tachada*». A auctora, que era a viuva do Padre Antonio Vieira, *Sermões*, morreu afogada por não poder tomar pé quando tomava um banho de agua-pé, em Torres Vedras.

O delirio pela boa pinga chegou ao seu auge. Havia dois partidos: o da camoéca triste e o da camoéca alegre. Faziam-se os maiores disparates sob o imperio do *marufo*, como lhe chamou Vilhens Barbosa. Com a cabeça perdida pelo generoso liquido, toda a gente dizia asneiras, as mais gradas tolices e, segundo affirmações calumniosas de alguns membros de uma sociedade de temperança,—mentiras.

Isto das mentiras era redondamente falso. Foi então que eu gritei a minha famosa phrase—*In vino veritas!*—e se produziu uma relativa acalmção nos espiritos, que habilmente aproveitei, aconselhando o povo, para attenuar os effeitos da pinga, a misturar o tinto com o branco. Fiz uma larga propaganda verbal e por escripto, que não dava resultado. De repente, tive uma ideia extraordinaria. Um reclame á minha theoria que fosse visto em toda a parte e suggestionasse essa theoria salvadora.

D'ahi datam os meus culos de vidros diferentes—um branco, outro tinto.

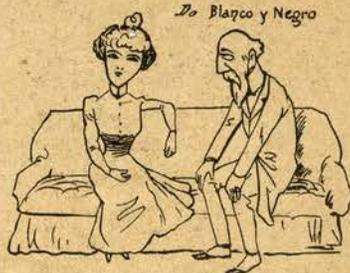
O resultado não se fez esperar e excedeu a minha expectativa.

De todas as boccas rompeu um grito de enthusiasmo! Estava achado o hymno da patria, como se diz nos *Peralias e Secias!*

O que ahi fica é um trecho do meu livro no prelo *Chão que deu uvas*. Pouco ha a acrescentar. Desde a época remota a que me referi até hoje, tem-se mantido a devoção pelo vinho a ponto que toda a nossa grande producção não chega para o consumo do paiz o que determina o abuso de fraudes que levaram o meu illustre amigo o Sr. Conde de Samodães a dizer um dia:

—Neste paiz faz-se vinho de tudo! Até d'uvas!

ANTONIO BATALHA REIS.



No Branco y Negro
Cophece alguma coisa mais frute do que um casamento sem amor?
casheco, sirtz, senhor, um amor sem casamento

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

SERVICO DOS ARMAZENS

Fornecimento d'aco fundido

No dia 11 de Março, pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de

2.280 kilogrammas d'aco fundido para ferramentas

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição Central dos Armazens (edificio da Estação de Santa Apolonia), todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde e em Paris nos escriptorios da Companhia, 28, rue de Chateaudun.

O deposito, para ser admittido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa 1 de Fevereiro de 1901.—O Director Geral da Companhia, Chapuy.

Fornecimento de chapas d'ago

No dia 11 de Março pela 1 hora da tarde, na estação Central de Lisboa (Rocio) perante a Commissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de chapas d'ago.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição Central dos Armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde e em Paris nos escriptorios da Companhia, 28, rue de Chateaudun.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação Central do Rocio.

Lisboa, 15 de fevereiro de 1901.—Pelo director geral da Companhia, O engenheiro adjunto á direcção geral, Augusto Luctano S. de Carvalho.

Capa para encadernação do 1.º volume d'A PARODIA Preço 700 réis

Está á venda, em Lisboa, no escriptorio da nossa Administração, na Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias. No Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria de J. Mesquita.

A Administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de **200 réis**.

Os pedidos da Provincia para remessa de capas, deverão ser acompanhados de 40 réis para porte do correio, de cada capa.

O Porto sem calma
ou o caso Calmon
(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)



Anda tudo numa fona !
Perdida a turba do caco,
Nisto que toca a taponar
Leva a gente p'ra tabaco
Seja ou não seja calmona !

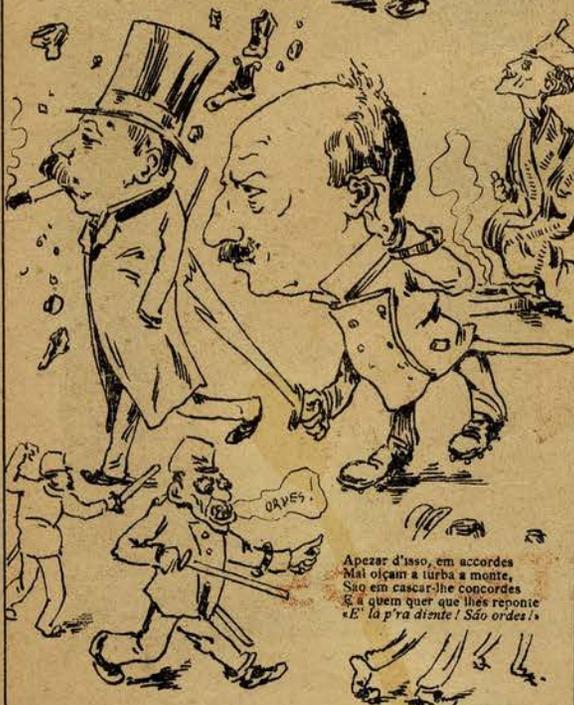
Ha banzês a cada instante,
Dar pñcada é do bom tom
E diz muito preopinante
Que o caso, embora Calmon,
Resiste a todo o calmante !

Porque se aperram trabucos,
Salta rijo o peixe espada,
Os padres andam malucos
E a Invicta em cheio alastrada
De bufos, guitas e cucos !

De forma que os bons levitas
Vão dando à gambia em dois rufos,
Pois que se cheira a jesuitas,
Com guitas, cucos e bufos,
— Dão bufos, cucos e guitas !

Assim, D. Anna escamado
Berra às vezes e não pouco,
E é caso mesmo provado
Que o Arriscado anda mouco
E o Mouco muito arriscado !

Diz-se até que mettem dó !
— Dó-ré-mi e o mais da escala !
E nisso não creio eu só,
Pois no sitio que se cala
Ja lhes não cabe um Feijó !



Apezar d'isso, em accordes
Mal olçam a turba a monte,
São em cascari-lhe concordes
E a quem quer que lhes reponie
«E' la p'ra diante ! São ordies !»

Assim é que aos encontrões
As manas, num borborinho,
Andam abi aos milhões
Contentes por dar co'ninho
Na caverna dos leões !

Das aulas o formigueiro
Dá a todos um coadjuvo,
E o Manuel jura altaneiro
P'or mais uma vez viuvo
O audaz policia Solteiro !



Entretanto, entre meirinhos,
F'izardo prega aos hebreus !
E erguido nos collarinhos
Vem o reitor dos lyceus
E bota pio aos peixintos !

Quem quer, ouvindo-os percebe-os !
Só não percebe os binomios
D'esta policia d'Euzebios,
Pois enche-a a gente d'encomios
E ella em pranchadas embebe-os !

Que isto é o que diz em primeira
Marcanton, o Patriarcha,
Que traz repteia a carteira
De notas que o Marcos marca
E o Lopes Teixeira cheira !

(E a proposito : já soa
Que ha em sumil-os intentos
Pois que a policia apregõa
Que não quer ajuntamentos
Arriba d'uma pessoa !)



Emfim, o que a todos morde
E guia por mau caminho
E' o D. Anna q'ntes ser lorde
E não vir que só o Lindinho
Lhe pôde manter a orde !



Por isso ó tu d'uma cana
Governador d'espavento!
Quer's um conselho q'abana ?
Pois bem, D. Anna ! Um convent. !
— Vae p'ra um convento, D. Anna !

TITO LITHO.



M. M. MOUTERASO

AS TRES PARCAS

Cloth colorem retinet Lachryas
net et atropos occat.



BELGICA



ALLEMANHA



FRANÇA



CREDORES EXTERNOS

Handwritten signature and date: 1914

Cançadas de fiar... desoonflam e cortam o fio.